
Crónica de onomástica paleo-hispânica (8)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O Retomamos neste artigo a análise de topónimos e antropónimos ibéricos, na sequência de outros artigos nossos publicados nos últimos anos.

A B S T R A C T Like other papers that we've published in recent years, this one deals with the analysis of Iberian place and personal names.

“Para aspectos metodológicos y referencias completas (...) también pueden consultarse los minuciosos listados parciales de onomásticos de los diversos artículos de Faria”. (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 252)

“(...) Por el contrario, no son fiables los listados de Faria (...)”. (Rodríguez Ramos, 2002-2003 [2004], p. 366, n. 4)

aidutiger. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). Sanmartí-Grego, 1988, p. 103.

Não é de agora que vimos defendendo ser esta, e não **abadutiger** (Sanmartí-Grego, 1988, p. 103), a transliteração correcta do NP em questão (Faria, 1990-1991, p. 82, 1994a, p. 68, 1998a, p. 230, 2001a, p. 96), muito antes, pois, de que a paternidade de tal leitura viesse a ser reivindicada por Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 253, 270). A razão de ser desta entrada nada tem, no entanto, que ver com a bem conhecida *praxis* de Jesús Rodríguez Ramos (v., sobre a mesma, Faria, 2004, *passim*), ultimamente reforçada por uma impressiva boa-fé, que se comprova à saciedade pelo contraste entre as citações aqui usadas em epígrafe (para não falar dos insultos e ameaças espalhados pela *Internet* e por *e-mails* endereçados à Direcção do Instituto Português de Arqueologia). Sucede que a transliteração aventada por Sanmartí-Grego foi recentemente recuperada por Javier de Hoz (2003a, p. 43), que não quis sequer conceder a **aidutiger** o estatuto de variante de leitura. Independentemente dos vários paralelos onomásticos disponíveis, **aidutiger** é a única transliteração caucionada por uma observação atenta do documento. **abadu** seria um *hapax* entre os componentes onomásticos ibéricos, e não cremos que o mesmo esteja presente na placa de chumbo C.1.6, porquanto o NP que Silgo (2000a, p. 105) lê como **abatucaldur** pode, em alternativa, transliterar-se como **aidugaldur**.

Temos também de expressar a nossa discordância com o Professor De Hoz no tocante à transliteração de outro vocábulo gravado no mesmo texto ampuritano: trata-se de **tiecaa** (De Hoz, 2003a, p. 43), que deve estar por **tigicaa** (Faria, 2003a, p. 322).

Já que não o fizemos antes (Faria, 2004), a propósito de NNP iniciados por **aidu**, convirá referir que Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a]) deixou de fora do seu *corpus* o NP AIDAR, reproduzido em moedas de *Obulco* (CNH 342:5), sendo também possíveis as leituras AIDVAR e AIDIAR (Faria, 1994b, p. 38, n.º 30, 1996a, p. 152, 2000a, p. 125).

Ainda a respeito de NNP que figuram na numária de *Obulco*, salvo erro, cabe-nos a prioridade quer na interpretação de CONIPR (CNH 342:5) como NP indígena (neste caso, não-ibérico) quer na apresentação de possíveis paralelos para o mesmo (Faria, 1991a, p. 18, 1994b, p. 43, n.º 125, 1994c, p. 123, 1996a, p. 158, 2000a, p. 130). Deste facto não deram devida conta Rodríguez Neila e Melchor Gil (2001, p. 160, n. 27).

ALBENNES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Num artigo vindo a lume há uma década (Faria, 1994a, p. 65), sugerimos que, ante a ausência de paralelos para **albe(?)* no repertório antroponímico ibérico (*MLH* III 1, p. 210), haveria que emendar ALBENNES em **Aibennes*. Se, no Bronze de Ascoli, entre vários erros atribuíveis ao gravador, encontramos ADIMEIS por ADIMELS (*i pro l*), não será de admirar que aquele tenha incorrido no erro inverso (*l pro ñ*), tanto mais que se tratava de transcrever (ou copiar) NNP pertencentes a uma língua totalmente estranha ao latim. Além do mais, em ALBENNES é evidente uma assonância com diversos nomes próprios latinos (*Albanus*, *Albinus*, etc.), sendo uma tal afinidade menos clara no que toca a **Aibennes*. Estaremos, pois, perante um caso de cacografia induzida pela morfologia nominal latina, afigurando-se-nos bem menos verosímil que ALBENNES esteja por **Arbinnes* (*MLH* III 1, p. 210; Quintanilla, 1998, p. 231; Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 27, n. 18, 2003 [2004], p. 344) ou por **Nalbennes* (Quintanilla, 1998, p. 198; Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 27, n. 18), formações que não conhecem nenhuma restrição fonotáctica em latim; de outro modo, não se compreenderia que ALBENNES surgisse no Bronze de Ascoli ao lado de ARBISCAR e de NALBEADEN.

A propósito de ARBISCAR, interessa referir que **arbišcar**, NP pretensamente gravado em E.5.4. (Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 252, 262), não conta com nenhuma atestação (Faria, 1999, p. 153; Silgo, 2001, p. 348). Só há muito pouco tempo é que Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 271) se apercebeu da inexistência de **arbišcar**, mas, uma vez mais, omitiu a bibliografia anterior.

arsabaš. Moeda. Ceca indeterminada. CNH 53:110.

Entre os NNP que testemunham o elemento **ars**, Javier Velaza (2002a, p. 135, 2002b, p. 274) inclui **arsabaš**, transliteração que é da autoria de Untermann (*MLH* I 1, p. 177). No entanto, Velaza sabe certamente que não pode atribuir a interpretação de **arsabaš** como NP ao investigador alemão (Faria, 1994b, p. 39, n.º 52, 1995a, p. 80, 1996a, p. 153). Efectivamente, Untermann (*MLH* I 1, p. 177), depois de invocar como paralelos **arše**, **aršaos** e **aršacos** — não conferindo, portanto, especial significado à distinção entre signos de vibrante —, declara a respeito de **arsabaš**: “vieleicht ein mit dem gleichen ON.-Element [arš-] gebildeter ON. in Katalonien”.

Muito pior que Velaza esteve, por duas vezes, Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 253, 262, 2002c [2003c], p. 246), que, ao omitir a bibliografia anterior, deu erradamente a entender ser ele próprio o responsável por tal identificação, não se coibindo também, em ambas as ocasiões, de aparecer como autor da segmentação de **arsabaš** em **ars-abaš** (Faria, 1994b, p. 39, n.º 52, 1995a, p. 80, 83, 1996a, p. 153).

Jatísace. Cerâmica. Ensérune (Nissan-les-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.249.

Mesmo que **Jatísar** configure a transliteração acertada (Rodríguez Ramos, 2002-2003 [2004], p. 367), não é admissível, como pretende Jesús Rodríguez Ramos, que tal sequência possa representar o NP **ati(n)-sar**, dada a improbabilidade de **adin** contar com **atin** como variante. Bem mais verosímil é a hipótese de **atísace** constituir a iberização de um NP gaulês (Correa, 1992, p. 273, 1993, p. 112; Silgo, 2000b, p. 516; Luján Martínez, 2003, p. 192-193).

BAGARENSIS. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Este NE remete certamente para uma cidade de nome **Bagar*, que, como outros NNL ibéricos terminados em vibrante (Faria, 2000a, p. 132), deve ter sido adaptado à flexão latina de tema em *a* sob a forma **Bagara*, não sendo tão-pouco de excluir a hipótese de uma adaptação à flexão nominal de tema em consoante: **Bagaro* (Faria, 2003a, p. 326). Seja como for, há um facto que não é passível de merecer qualquer contestação, apesar da opinião em contrário manifestada por Manuel Gómez-Moreno (1949, p. 246) e por Francisco Pina Polo (2003 [2004], p. 201) (que não cita o sábio granadino): **Bagar(a/o)* e *Bacasis* < **Bacasi* < **Bacasi* (Faria, 2002b, p. 123) são duas cidades diferentes, de cujas designações, aliás — e como seria de esperar —, derivaram NNE também diversos: **BAGARENSIS** (TSall) e **BACASITANO** (dat.) (*IRC* III 50), respectivamente. Cremos que as várias ocorrências de *bacasi* na onomástica ibérica (Faria, 2002b, p. 123) desfazem as dúvidas recentemente manifestadas por García Alonso (2003, p. 417) a respeito da origem linguística de um NL, que, tal como muitos outros terminados em *-i*, foi adaptado à terceira declinação latina. Tão-pouco a análise de *Bacasis* como *Baca-sis*, propugnada pelo mesmo filólogo (García Alonso, 2003, p. 417), encontra qualquer justificação à luz dos *comparanda* antroponímicos.

Voltando a **Bagar(a/o)*, é de admitir que este NL possa figurar na legenda monetária **bagar-TaCi** (Villaronga, 1998, p. 125, n.º 303), constituindo a sequência **TaCi** um sufixo (ou complexo de sufixos) de significado desconhecido, que parece detectar-se em **JaTaCi** (Villaronga, 1998, p. 133, n.º 460: RKOS...) e em **JTaCio** (Villaronga, 1998, p. 134, n.º 483). Menos provável, mas não impossível, é que **bagarTaCi** conforme um NP ou corresponda a um NL completo.

belsecuYi. Moedas. **belse** (localização indeterminada). *CNH* 42:41A.

Não vamos retomar aqui a discussão sobre a eventual relação de **belse** com outros NNL ibéricos, designadamente **Illuersa* e **bersa** (*CNH* 439:1-2), tema de que já nos ocupámos em diversas ocasiões (Faria, 1994a, p. 65, 1995a, p. 80-81, 1995b, p. 324-325, 1999, p. 155, 2003b, p. 217) que passaram totalmente despercebidas a Pina Polo (2003 [2004], p. 201-202) e a Burillo (2002, p. 210). Queremos, tão-só, deixar consignada a possibilidade de a legenda do reverso de *CNH* 42:41A ler-se **belsecuYi** no lugar de **belsecuai**, transliteração esta que, até hoje, não foi contestada (v., entre outros, De Hoz, 1995a, p. 319, 321-322; Faria, 2002a, p. 234, 2003b, p. 219). Tal hipótese assenta numa observação tão cuidadosa quanto possível das fotos respeitantes aos dois exemplares conhecidos (Villaronga, 1998, p. 219, lâmina XXII, n.ºs 263-264), os quais, de resto, partilham os mesmos cunhos de anverso e reverso (Villaronga, 1998, p. 123). Na dracma que revela um melhor estado de conservação, o penúltimo signo da legenda apresenta a forma de **Y**, não sendo, por conseguinte, possível detectar o que seria o segmento superior do **a**. Deveremos estar, portanto, perante o discutido grafema correspondente, ao menos em determinados contextos fonéticos, a uma vogal nasalizada (De Hoz, 1983, p. 81, 2001a, p. 338; Angot, 1989, p. 118-119; Correa, 1999, p. 392; Rodríguez Ramos, 1999, p. 8, 2000a, p. 27-30), devendo-se a sua (improvável) interpretação como **a** à circunstância de não haver qualquer espaço a separar o dito grafema da pata esquerda dianteira do pégaso.

Se a razão estiver do nosso lado, a legenda **belsecuYi** deve segmentar-se em **belse-cu-Yi**, cabendo à mesma, entre outras possíveis interpretações (De Hoz, 2001a, p. 343), a seguinte tradução: “eu (sou moeda/prata) de **belse**”. Saltam à vista as semelhanças que esta legenda guarda, por um lado, com **[ildi]rda-salir-nai** (Untermann, 1996, p. 85) e, por outro, com **ces[e]-cu** (Faria, 2001a, p. 99).

Na opinião de Jesús Rodríguez Ramos (2002c [2003c], p. 35), **kuai** é uma marca de valor.

bolscen. Moedas. **Bolsce* (Huesca). *CNH* 211:1-15.

A partir de 2000, Rodríguez Ramos (2000, p. 44, 45, n. 6, 53, 2002c [2003c], p. 248, n. 3) passou a transliterar como **bolscen** a legenda monetária que, antes daquele ano, era sistematicamente transliterada como **bolscan**. A nova transliteração veio a merecer a nossa concordância (Faria, 2003b, p. 218-219), num texto em que, recorrendo a diversos *comparanda* e à bibliografia disponível, sustentámos estar perante o NL **bolisce** seguido do sufixo de locativo **-n** (Caro Baroja, 1947, p. 233 = 1985, p. 159, 1954, p. 741; *MLHI* 1, p. 89, 244, 246; *MLHIII* 1, p. 165; Pérez Orozco, 1993, p. 223-224; Gorrochategui, 1994, p. 122; De Hoz, 1995b, p. 275; Quintanilla, 1998, p. 203; Faria, 2001a, p. 98, 2002b, p. 125, 2003b, p. 219; Silgo, 2003 [2004], p. 17). Diferente é a óptica de Jesús Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003], p. 433), que, sem aduzir qualquer dos numerosos títulos que acabámos de invocar, associa o final do letreiro ao genitivo ibérico **-en**, também ele objecto de diversos textos (também eles omitidos por Jesús Rodríguez Ramos), entre os quais nos permitimos salientar o que lhe dedicou Luis Silgo (2000a). Em alternativa a esta posição, o mesmo autor considerou não ser “imposible entender **bolskén** como una haplología de ***bolскеken**” (Rodríguez Ramos, 2001-2002 [2003], p. 433). Do nosso ponto de vista, no entanto, uma tal eventualidade deverá ser descartada por completo, porquanto a sequência **-c(e)-en**, em todos os casos conhecidos, surge sempre precedida por signos de sibilante ou de nasal — *scil.*, **-s-**, **-ś-**, **-n-** e **-Y-** —, formando com eles dois complexos sufixais, **-scen** e **-ncen** (Pérez Orozco, 1993, p. 225-226; De Hoz, 2002, *passim*; Faria, 2003a, p. 319).

García Alonso (2003, p. 401), tal como Silgo (2003 [2004], p. 17), entendeu adoptar a leitura tradicional. Sem se atrever a tentar justificar a passagem do NL ibérico **bol** a *Oscá*, García Alonso analisa **bolscan** como **bol-scan**, não mostrando grandes dificuldades em identificar **scan** com a “marca de procedencia” ou “formante de étnicos” **-scen**. Ficamos sem saber se, na opinião de García Alonso, **scan** é, ou não, variante dialectal de **-scen**.

catuisar. Asa de cratera. Ensérune (Nissan-les-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.20.

Em 1995, em alternativa à análise deste NP como **catuis** acompanhado do sufixo **-ar** (*MLH* II, p. 101; Correa, 1993, p. 107; Silgo, 2000b, p. 516; De Hoz, 2003b, p. 89), formulámos a hipótese de **catuisar** consistir num NP ibérico segmentável em **catu-isar**, trazendo para tanto à colação os *comparanda* **catuecas** (B.1.20) e **isarflicar** (Faria, 1995a, p. 83). Alguns anos mais tarde, foi com toda a naturalidade que viemos a incluir **catu**, **ecas** e **isar** numa lista de elementos onomásticos ibéricos (Faria, 1998c, p. 269). Pelo exposto, e pela segunda vez (Faria, 2004, p. 282), não podemos permitir que Jesús Rodríguez Ramos (2004, p. 140, n. 10) seja considerado o autor da identificação do elemento onomástico **catu**. Convém referir que **catu** não figura na lista de formantes onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafía ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15). **catu** tão-pouco figura no repertório de compostos antroponímicos que Jesús Rodríguez Ramos apresentou há cerca de quatro anos (Rodríguez Ramos, 2000 [2001], p. 261).

Quanto a **isár**, é componente também atestado em **becoriásar** (Cura, 1986, p. 203-204) (Faria, 2003a, p. 317) e em **isárlicar** (García Garrido e Lalana, 1991-1993, p. 106) (Faria, 1995a, p. 83). Quisemos detectar o mesmo formante em **jila[bo?]isár** (B.1.294) (Faria, 2003b, p. 223), mas a verdade é que, não obstante a existência de possíveis paralelos para ambos os componentes (Faria, 2003b, p. 223), temos de rectificar a nossa posição, e reconhecer que é preferível adoptar a cautela revelada por Jürgen Untermann (*MLH* II, p. 252-253) e Jesús Rodríguez Ramos (2001a, p. 285-286) no tratamento deste NP, apesar de nenhum deles reconhecer a existência dos elementos onomásticos **abo** (Faria, 1994a, p. 66, 68, 2000a, p. 123) e **labo** (Faria, 2002a, p. 238, 2003b, p. 223), susceptíveis de abonar de alguma maneira a interpretação como **bo** para o signo em forma de espiga gravado em B.1.294.

A constatação da existência do formante antroponímico **isár** parece pôr em causa a seguinte regra fonotáctica reconhecida por Correa (2001, p. 307): “[l]lama la atención, sin embargo, que en los elementos antroponímicos conocidos, mientras que *s* intervocálica está bien documentada, *ś* está ausente. Esto probablemente haya que interpretarlo en el sentido de que *ś* intervocálica es con frecuencia producto de juntura”. É certo que **becoriásar** pode dar azo à individualização de um NP **becoriś**, sufixado, ibérico-paleobasco ou gaulês (Untermann, 1986, p. 217, *MLH* III 1, p. 227, n. 78; Delamarre, 2003², p. 70, 260-261), e já vimos que a **catuísar** pode subjazer o NP gaulês **catuís**; cremos, no entanto, que a interpretação mais plausível a conferir a **isárlicar**, inclusive atendendo ao suporte – glande de chumbo – em que figura, é a de um NP ibérico, necessariamente segmentável em **isár-licar** (Faria, 1995a, p. 83).

Se a existência do componente **isár** suscita reconhecidamente não poucos problemas no plano da fonotaxe ibérica, caso houvesse que isolar um afixo em **isár** (**i-sár*), tal como pretende Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 268, 2004, p. 140), cremos que a procura de uma solução para essas dificuldades ficaria ainda mais complicada; efectivamente, como seria possível justificar a inserção do dito afixo se “la sibilante **ś** tiene grandes restricciones en su uso junto a vocales anteriores” (Rodríguez Ramos (2004, p. 143)?

Aliás, voltando a **catuísar**, em conformidade com o modelo explicativo a que recorre Jesús Rodríguez Ramos (2004, p. 141, 143) para apurar o valor fonológico das sibilantes ibéricas, o resultado expectável da formação de um ditongo decrescente por infixação da semivogal /j/ entre vogal e -**ś**- seria **catuisar*. Ora, sucede que não se conhece nenhum exemplo de **isar*. Além do mais, quando, um dia, tentar demonstrar a evolução de **beles** a **bels** (*contra*, Ballester, 2003 [2004], p. 47-48), de **ibes** a **ibeis** e de **les** a **leis**, Jesús Rodríguez Ramos terá, antes disso, de fazer prova de que **ibes** (Faria, 2003a, p. 316) e **les** (Faria, 2002b, p. 125) integram o repertório de formantes onomásticos ibéricos.

Pelos mesmos motivos, também a análise de **becoriásar** como **becor-i-sár** (Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 268), NP que se documenta na primeira metade do século IV a.C. (Cura, 1986, p. 207), não nos parece defensável. Mesmo que nos abstraíamos da ocorrência do NP **ildirásar** (Solier, 1979, p. 82, 84, 85; Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 111, 2002b, p. 127), posterior à de **becoriásar** em mais de um século (Solier, 1979, p. 121-122), a nossa interrogação mantém-se: que fenómeno poderá caucionar a inserção de -**i**- entre a sibilante representada por **ś** e a vibrante que a precedia, quando, segundo o parecer de José Antonio Correa acima transcrito e adoptado por Jesús Rodríguez Ramos, a fonotaxe ibérica condiciona um tal procedimento?

celsenCiTe. Recipiente de cerâmica. El Castellido (Alloza, Teruel). *MLH* III 2 E.4.3.

A correcção de **culsenCiTe** em **celsenCiTe** (Faria, 2003a, p. 323) já havia sido por nós publicada antes que saísse o último trabalho de Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 371).

Cirinabar. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH* III 1 F.13.1; Silgo, 2000c.

NP ibérico (Gómez-Moreno, 1949, p. 280) segmentável em **Ciri-nabar** ou em **Cir-i-nabar**, correspondendo, neste último caso, **-i-** a um infix, isolado noutros NNP por Untermann (*MLH* III 1, p. 203). Em alternativa a **Cirinabar**, Gómez-Moreno (1949, p. 307) também aceita a transliteração **Carinabar**.

Creemos que a pequena concavidade subcircular que separa **Cir** de **inabar** não passa de uma irregularidade semelhante a tantas outras que se localizam aleatoriamente na superfície inscrita de F.1.3.1., não sendo, por isso, passível de ser interpretada como um sinal de pontuação (*contra*, Valladolid, 1998, p. 251).

Como paralelos para **Cir(i)** podemos indicar os NNP **abelgirdican** (Solier, 1979, p. 82) (Faria, 1994a, p. 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003b, p. 215), **IVRCIRADIN** (Albertos, 1966, p. 126; Beltrán Lloris, 1986, p. 68, 1993a, p. 855, 1993b, p. 270, n. 105; Abascal, 1994, p. 393) < **iur-cir-adin* (Faria, 2003a, p. 316), e **VLVCIRRIS** (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 286, n.º 378). Vale a pena aduzir igualmente o testemunho de **osci-ciri**, atestado por duas vezes em Osséja 7 (Campmajó e Untermann, 1993, p. 514-515), analisável como **osci-ciri**, se bem que fundadas dúvidas possam ser colocadas quanto à natureza antroponímica deste vocábulo. Falta ainda referirmos outro presumível NP, **timorcir**, gravado numa inscrição (C.2.3) composta maioritariamente, se não mesmo na sua totalidade, por NNP ibéricos. Já no âmbito da toponímia, importará trazer à colação os testemunhos de **ildicira** (CNH356:1-2) e de **ildurcira*, presumíveis variantes de um só NL (Faria, 1997, p. 108), que, entre outras análises (Faria, 2000b, p. 63, 2001a, p. 100-101, 2003b, p. 220-222), admitem uma segmentação em **ildi-cir-a** e **ildur-cir-a*. Vem a propósito reiterarmos as nossas reservas (Faria, 2000a, p. 132) quanto à correspondência entre **ildicira**/**ildurcira* e *Eliocroca* (Faria, 2001a, p. 100), NL que cremos agora provir da associação de **ilduco* a *roc(an)* – **Ilduco-roc(an)*, tendo esta última sequência sido objecto de diversas análises que, de um modo geral, a relacionam com a morfologia verbal ibérica (*MLH* III 1, p. 184-185; Silgo, 1996, p. 304-308; De Hoz, 2001a, p. 345-347, 2003a, p. 45-47).

Giri*, presumível nome da cidade onde hoje se situam as ruínas do castelo de Giribaile (Vilches, Jaén) (Konrad, 1994, p. 51; Gutiérrez Soler, 2002, p. 17-20), poderá constituir outro paralelo toponímico poderá para **Cir.

No que toca a **nabar**, é formante que ocorre em **nabarsosin** (C.1.6) (Faria, 2001a, p. 101), [N]ααρανας (Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 69, 1998a, p. 229, 2000a, p. 131, 2001a, p. 99-100), **ustainabar** (C.8.2) (Silgo, 1994, p. 205, 254; Faria, 2003a, p. 329) e, presumivelmente, em **sacarna[bar?]** (F.9.2) (Faria, 1991a, p. 190, 1994b, p. 66).

Untermann (*MLH* III 1, p. 209, 225, 1996, p. 96), seguido por Rodríguez Ramos (1999, p. 8, 2002a [2003a], p. 253, 262), Panosa (2002, p. 343) e Ballester (2002, p. 479), provocou um corte de **Cirinabar** em **Cirin # abar**, e combinou esta última sequência com o primeiro componente do NP **escertiban** (v. *infra*) para formar um novo NP ibérico: **abarescer**.

Cobesir. Inscrição rupestre. La Camareta (Agramón, Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993, p. 164-165.

Além de se equivocar na transliteração deste NP, Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 367) omitiu o nome de quem o transliterou correctamente pela primeira vez (Faria, 1997, p. 107, 2000a, p. 122-123, 2003b, p. 215).

Se nos abstrairmos da distinção entre os signos de sibilante, a comparação que Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 367) estabelece entre **Cabesor** (B.7.1) – transliteração por ele advogada em alternativa a **Cabesur** (*MLH* II, p. 328) – e **Cobesir** parece assentar toda a sua legi-

timidade na hipótese (que o exame da foto de B.7.1 não desmente) de o primeiro signo corresponder a **Co** (ko 3, segundo a classificação de Untermann, reproduzida nos *MLH* III 1, p. 246, Tabelle 2). A ser assim, **Cobesor** constitui, em nosso entender, a transliteração mais provável, podendo, com alguma segurança, ser também descartada a proposta de Correa (1992, p. 278) para esta sequência de cinco signos: **gabesbur**. Ficaria, contudo, por justificar a ocorrência no mesmo texto de ko 1 também na primeira linha da supracitada inscrição. A única tentativa de explicação que nos ocorre — e que fornecemos com todas as reservas — é esta: o valor consonântico representado pelo silabograma com que principia **Cobesor** corresponderia a uma aspirada, e não a uma velar, que seria notada por ko 1. Importa assinalar que não é possível provar a ausência de aspiração na língua ibérica apenas com base na inexistência de um signo específico para a sua representação (Siles, 1986, p. 33; Beltrán Lloris, 1993, p. 852-854; Faria, 1993, p. 152-153, 1995a, p. 85; Silgo, 2000d, p. 283). Teríamos assim **Cobesor** < **hobesor*, com o primeiro elemento deste composto onomástico a repetir-se em *Obbelexxi* (gen.) < **Obbelexxus* < **hobe-belex* e em *Hobeco* (Azkarate e García Camino, 1996, p. 314; Knörr, 1999, p. 136-137; Gorrochategui e Lakarra, 2001, p. 412). Esta explicação, a confirmar-se, seria também válida para **Cobesír** < **hobe-sír*, ainda que **Co-beś-ír** (Faria, 1997, p. 107, 2000a, p. 122-123, 2003b, p. 215) não possa ser uma segmentação a abandonar definitivamente.

Na segunda linha desta mesma epígrafe, observa-se uma sequência de signos que vinha sendo lida como **unibes**, antes de Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 367) a transliterar como **onibes**. No entanto, continuamos a crer que nenhuma das duas transliterações é satisfatória. Efectivamente, “[a] ocorrência de **unibes** numa lápide de Pech Maho (B.7.1) [...] não é defensável, atendendo à presença na mesma epígrafe de um silabograma indubitavelmente correspondente a **be**, muito diferente daquele que faria parte do suposto **unibes**” (Faria, 2000a, p. 126-127). Do nosso ponto de vista, a transliteração **onigibasn** — sequência em que haveria que isolar o NP **onigibas** — representa com maior fidelidade do que **onibes** o que hoje é possível ler na inscrição B.7.1. Infelizmente, neste como noutros casos, o desenho de Untermann (*MLH* II, p. 328) não traduz com inteiro rigor a informação veiculada pela foto que o antecede. Seja qual for a interpretação a adoptar, deve ser isolado um segmento onomástico ibérico **oni(n?)**, presumível variante do mais bem documentado **uni(n)**. A ser assim, fica de algum modo comprometida a remissão do NL ibérico **Onigi* (*CIL* II²/5, 930, 1184) para **Auningi* ou para **Vningi*, por nós proposta recentemente (Faria, 2002b, p. 123, 2003a, p. 326) ao arripio do parecer emitido pelo Professor Correa (2002, p. 705). No entanto, continuamos sem poder acompanhar este investigador quer na completa desvalorização do testemunho pliniano — *Oningi* (Plin., *nat.* 3.12) —, quer na segmentação de **Onigi* em **On-igi*, com a conseqüente integração deste NL numa série toponímica em *-igi* (Untermann, 1962, p. 21; Villar, 2000, p. 249-256; De Hoz, 2001b, p. 130; *DCPHI*, p. 46), cuja existência falta ainda demonstrar (Faria, 2003b, p. 211).

CuTuboiCe. Placa de chumbo. La Punta de Orley (Vall de Uxó, Castellón de la Plana, Valência). *MLH* III 2 F.9.7.

O erro tipográfico constante da transliteração fornecida por Untermann (*MLH* III 2, p. 391, linha 17) para esta sequência morfemática (de significado desconhecido) foi por nós detectado há cerca de uma década (Faria, 1991b, p. 188). Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 372) não evitou a omissão deste facto.

Ελερυαζ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 39, fig. 14.

Depois de defendermos reiterada e resolutamente, durante dez anos, que devia ler-se como Ελευρος (Faria, 1994a, p. 69, 1998a, p. 230, 1998b, p. 234, 2000a, p. 131, 2001a, p. 99-100, 2003b, p. 323) o NP ibérico que (muitos) outros têm vindo a ler como Βλευρος, Javier Velaza (2003 [2004], p. 180) decidiu, num gesto que nos surpreendeu pela escassa elegância, que havia chegado o momento de atribuir o mérito de tal leitura ao Professor Jaime Siles. Aparentemente — esta é uma dedução nossa a partir dos parcos dados fornecidos por Rosa-Araceli Santiago (1989 [1990], p. 172, n. 26, 1994, p. 230, n. 17) —, Jaime Siles tê-la-á apresentado numa reunião científica realizada em Madrid, na Fundación Pastor de Estudios Clásicos, em 1989 ou no ano seguinte. A verdade, porém, é que, quinze anos volvidos, as actas da dita reunião continuam por editar. De resto, o nosso desconhecimento a respeito deste insólito caso vai ao ponto de nem sequer sabermos se o Professor Siles chegou efectivamente a entregar algum texto para publicação.

Quanto ao procedimento do Professor Velaza, parece-nos o mesmo desprovido de qualquer rigor, já que as linhas que ele dedica ao tema permitem, decerto contra a sua vontade, que perpassa a ideia de que tivemos conhecimento da interpretação do Professor Siles antes de 1994.

escertiban. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH III 1 F.13.1*; Silgo, 2000c.

NP ibérico composto por **escer** e por **tiban** (Gómez-Moreno, 1949, p. 280). Até ao momento, não se conhece nenhum outro NP que contenha qualquer dos dois componentes. A nosso ver, os NNP **abarescer** (Untermann, *MLH III 1*, p. 209, 225, 1996, p. 96; Valladolid, 1998, p. 251, 255; Panosa, 2002, p. 343; Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 253, 262), **abarašcertiban** (Gómez-Moreno, 1949, p. 279), **ašcertiban** (Gómez-Moreno, 1949, p. 307; Siles, 1985, p. 71, n.º 206), **escertiban** (Gómez-Moreno, 1949, p. 281), **nabarescer** (*MLH III 1*, p. 209, n. 1.2) e **tibanbir** (*MLH III 1*, p. 234, n. 124.1) são o resultado de transliterações ou de segmentações deficientes.

ibesunin. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH III 1 F.13.1*; Silgo, 2000c.

Pela segunda vez (Faria, 2004, p. 286), não podemos permitir que Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 372) seja considerado o autor da identificação do NP **ibesunin** (F.13.1) (Faria, 2000a, p. 127).

Como é possível que Jesús Rodríguez Ramos reproduza a nossa transliteração, sem nos citar, quase cinco anos depois, e venha, exactamente no mesmo texto, sentenciar com total despudor que “no son fiables los listados de Faria”?

ibušcetin. Cerâmica. Ensérune (Nissan-les-Ensérune, Hérault). *MLH II B.1.270*, .271.

Não podemos permitir que Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 367) seja considerado o autor da transliteração do NP **ibušcetin** (Faria, 1995b, p. 327), o qual, até 1995, era transliterado alternativamente como **itescetin**, **itesatin**, **icuscetin** e **icusatín** (*MLH II*, p. 237-238). Convém referir que nem **ibuš** nem **cetin** figuram na lista de formantes onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

Como é possível que Jesús Rodríguez Ramos reproduza a nossa transliteração, sem nos citar, quase dez anos depois, e venha, exactamente no mesmo texto, sentenciar com total despudor que “no son fiables los listados de Faria”?

ilereutinir. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeac, Aude). Solier, 1979, p. 82.

Aproveitamos esta oportunidade para proceder à correcção da transliteração deste NP triembre, de **lereutinir** (Solier, 1979, p. 82; Faria, 1991b, p. 190) para **ilereutinir** (Panosa, 2002,

p. 341). Decorre desta segmentação que é **canbulo** (Correa, 1993, p. 115), e não **canbuloi** (Rodríguez Ramos, 2000a, p. 31) a iberização do gaulês *Camulo(s)*. Na nossa perspectiva, há que analisar aquele NP como **iler-eu-tinir**. O elemento final consta de **urestínir** e de **Yires-tinir** (Solier, 1979, p. 77, 84), presumíveis variantes gráficas de um mesmo NP, segmentáveis em **ures-tinir** e **Yires-tinir**, respectivamente (Faria, 1994a, p. 68).

O formante antroponímico **Yres** alterna com **Yur[es]** em **Yresunir/Yur[es]unir** (Solier, 1979, p. 85), NP segmentável em **Yres-unir/Yur[es]-unir** (Faria, 1994a, p. 68). Na opinião de Jesús Rodríguez Ramos (2002, p. 126), a sequência **-res-** poderá corresponder a uma forma verbal. O componente antroponímico **ures/Yires/Yres/Yures** é ainda susceptível de se documentar em caracteres latinos em [V]RESVNIN (*CIL* II² 14(1) 438 = *IRSAT* 152) (Silgo, 1988, p. 75, 1994, p. 252; Faria, 1995b, p. 329, 1998a, p. 233, 2000a, p. 141). Em todo o caso, cremos que são também plausíveis outras restituições para o mesmo NP: [GA]RESVNIN e, mais remotamente, [NA]RESVNIN (Faria, 2002a, p. 237-238, 2003a, p. 327).

Desconhecemos qualquer outro exemplo inequívoco do componente onomástico **iler**, mas não nos parece demasiada ousadia associá-lo a **ildir** e a **eler**, que figuram em numerosos NNP ibéricos, sendo o primeiro muito mais abundante que o segundo. Não nos repugnaria aceitar que **iler** e **eler** fossem formas derivadas de **ildir**, apontando a concentração de **eler** no território hoje francês — Gruissan, Pech Maho e Elne (Solier e Barbouteau, 1988, p. 91; Faria, 1994a, p. 69) — para a probabilidade de estarmos perante variantes dialectais ou diatópicas.

Acresce ainda o facto de **-l-** substituir em diversos textos o dígrafo **-ld-** na representação do mesmo fonema (Faria, 1994a, p. 69-70, 1998b, p. 238, 2003b, p. 227-228), demonstrando tal fenómeno uma neutralização, ao menos parcial, da oposição fonológica entre as duas laterais ibéricas (Faria, 1994a, p. 69-70; Quintanilla, 1998, p. 247-253).

É certo que o segmento **eu** não conta com mais nenhum testemunho fidedigno, mas talvez valha a pena invocar a propósito os NNP **boñareucer** (C.4.2) e, sobretudo, **euCin** (C.14.1), assim como **celboio** (B.1.13; C.2.13), que poderá segmentar-se em **cel-bo-io** (Faria, 1997, p. 110, 2002b, p. 123), se não atendermos às legítimas dúvidas suscitadas por Correa (1993, p. 107) a propósito da origem linguística deste NP. Ainda que não o possamos demonstrar, convirá ter em conta a eventualidade de **eu** ser uma forma defectiva de **eur**, reproduzido em **ildireur** (*MLH* III 1, p. 222), ou de **eun**, variante (provável, mas não atestada) de **iun**, presente em **bilosium** (Faria, 1997, p. 110), **bosberium** (C.2.3) (Faria, 1997, p. 110, 2002b, p. 125, 2003b, p. 215), **iuntegen** (G.13.1) (Panosa, 2002, p. 338, n. 3; Faria, 2003a, p. 329) e em **SIR[A]STEIVN** < **sir-aste-iun* (Faria, 1997, p. 110, com bibliografia anterior).

laurber-ton. Placas de chumbo. Pico de los Ajos (Yátova, Valência). *MLH* III 2 F.20.1, .2, .3.

Já vimos por mais de uma vez que **ber-ton** encontra um só paralelo em CORMERTONIS (gen.) (Faria, 2000b, p. 136, 2003a, p. 324), atestado numa inscrição de Idanha-a-Velha. No entanto, este patronímico corresponde a um indivíduo cujo *cognomen* há que ler como AQVITVS (Ferreira, 2004, p. 107, n.º 86, 257, Est. XI, 21), e não como AQVIT[ANV]S (Lambrino, 1956, p. 39-40, n.º 13, Almeida, 1956, p. 169, n.º 43; Albertos, 1964, p. 241-242, 1983, p. 879; Abascal, 1994, p. 102, 282, 335; Faria, 2000a, p. 136). Aquela leitura, no entanto, não coloca em causa a atribuição de CORMERTONIS (gen.) < **corber-ton*/**corber-ton* à onomástica ibérica (Faria, 2000a, p. 136).

leibiur. Fundo de prato de campaniense A. Coll del Moro del Borrassquer (Batea, Terra Alta, Tarragona). Gorgues, Moret e Ruiz-Darasse, 2003 [2004], p. 247.

Não haverá muito a acrescentar ao que expuseram os autores mencionados sobre o elemento antroponímico **biur**. Em todo o caso, terá sido desperdiçada uma boa oportunidade para actualizar a lista de nomes formados por **biur** que foram coligidos por Untermann, a qual teria, na nossa opinião, de ser despojada de **biurcere** (C.1.9), porquanto a transliteração **aurcere** se nos afigura mais fidedigna. Por outro lado, a associação estabelecida por Gorgues, Moret e Ruiz-Darasse entre **lei** e **leis** não nos parece minimamente fundamentada. Efectivamente, não é certo que o NP **culebober** (C.2.3; Rodríguez Ramos, 2001b, p. 9), segmentável em **cule-bo-ber** (Faria, 2002b, p. 127, 2003b, p. 215), sirva para testemunhar na onomástica ibérica em escrita epicórica a não-notação de sibilante antes de oclusiva bilabial. Na nossa óptica, no formante onomástico **cules** é susceptível de ser individualizado um sufixo **-es**, à imagem do que sucede, por exemplo, com os pares **bel/beles**, **bon/bones**, **cel/celes** e **tan/tanes** (Faria, 1995b, p. 326, 1997, p. 110). Assim sendo, há que aceitar a ocorrência do formante **cul(e)** em, pelo menos, **culebober** (C.2.3) e em **culeteger** (C.25.5), resultando **cules** da aglutinação de dois morfemas, **cul(e)** e **es**. Também a eventualidade de TANNEPAESERI (dat.) (*CIL II Suppl.* 5840) remeter para **tanesbaiser* (Faria, 1995b, p. 324, 1998b, p. 235) é hipótese que agora reputamos não ser possuidora de grande consistência, ainda que tão-pouco a análise subscrita por Untermann (*MLH III* 1, p. 232-233) nos pareça completamente satisfatória (Faria, 2002b, p. 131). Deste modo, acreditamos que teria sido mais profícua a comparação de **leibiur** com os NNP ibéricos que exibem — ou podem exibir — **lei** como formante inicial: [L?]EI-HAR, **lei-(i)scer/le-iscer** (Albertos, 1966, p. 264), **lei-sir**, **lei-tir**, **li-cof** e **li-gine** (Faria, 1993, p. 153, 157, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, com bibliografia anterior). Vale a pena recordar que a sequência gráfica **-ei-** alterna com **-i-**, mas também com **-e-** (Quintanilla, 1993, p. 734, 1998, p. 138-142; Faria, 1993, p. 153, 1998b, p. 237-238).

[Yba?]rce corneli [---] **[au?]ite**. Placa de calcário. Empúries (L'Escala, Girona). *MLH III* 2 C.1.1.

Não podemos admitir que Javier Velaza (2003 [2004], p. 186) seja considerado o autor da restituição do *praenomen* de *Cornelius* (*Auitus?*) como **[Yba?]rce** < *Marcus* (Faria, 1993, p. 155-156, 1997, p. 111, 2000a, p. 136, 2003b, p. 223).

Temos de manifestar a nossa estranheza pelo facto de Velaza (2003 [2004], p. 186) insistir em transliterar **cornele** no lugar de **corneli** (Faria, 1993, p. 155-156, 1997, p. 111, 2000a, p. 136). Mesmo deixando de lado os argumentos de ordem paleográfica a que aludimos noutra ocasião (Faria, 1993, p. 155), se alguma coerência houver — e cremos que há (Faria, 1993, p. 155-156, 2000a, p. 137) — na iberização de nomes pessoais latinos, cedo chegaremos à conclusão de que **[Yba?]rce** e **cornele** são mutuamente exclusivos.

O citado epigrafista nada diz sobre **[cu]inti tan[---]**, *nomen* e *cognomen* (truncados) de um outro indivíduo que acompanha *M. Cornelius* (*Auitus?*) no mesmo texto (Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 136-137), sendo que a única novidade trazida por Velaza diz respeito à natureza do material que serve de suporte à inscrição: calcário em vez de mármore.

No mesmo artigo podem ler-se alguns comentários a outra inscrição ampuritana, dada a conhecer por Velaza em colaboração com X. Aquilué (Aquilué e Velaza, 2001, p. 282-283). Dela faz parte o NP **Jurtabir** ou **Jartabir**, segmentável em **Jur-tabir** ou em **Jar-tabir** (Faria, 2002b, p. 238). A nenhuma destas nossas análises Javier Velaza concede uma só linha, preferindo segmentar o supracitado NP em [---]**rta-bir**, passo prévio à sua restituição como **[ce]rtabir**.

[N]ααρυας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Não podemos admitir que Javier Velaza (2003 [2004], p. 180) seja considerado o autor da interpretação de [N]αυαρυαζ como NP ibérico (Faria, 1991a, p. 18, 1994a, p. 69, 1998a, p. 229, 2000a, p. 131, 2001a, p. 99).

Velaza (2003 [2004], p. 180) equívoca-se por duas vezes ao veicular as leituras Γολοβιυρ e Νάλβε[αδεν] em vez de Γολο[-]βιυρ — com grande probabilidade, Γολο[v]βιυρ (Faria, 1991b, p. 192, 1994b, p. 45, n.º 175, 1995a, p. 82, 1998b, p. 239, 2000a, p. 131, 132, 2001a, p. 99-100, 2001b, p. 209) — e de Νάλβε[--]v, respectivamente (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53).

oretaunin. Estela de calcário. Bicorp (Valência). *MLH* III 1 F.13.1; Silgo, 2000c.

Secundamos Juana Valladolid (1998) na transliteração **oretaunin**, mas não na interpretação como NE, que aquela autora confere a esta sequência. A fragilidade de tal interpretação já foi devidamente sublinhada por Jesús Rodríguez Ramos (2001b, p. 10). Se partirmos do pressuposto de que o NP está completo, o mesmo deverá segmentar-se em **or-eta-unin**, sendo este último componente o que, dos três, mais abunda na antroponímia ibérica (*MLH* III 1, p. 237). O formante **or** configura o radical do NL **ore** (*CNH* 189:1-2), analisável como **or-e**, a exemplo do que sucede com **ar̄s-e**, **bels-e**, **cels-e** (Faria, 1995b, p. 325), e, quiçá, com **saldu-i-e/saldui-e** e **segi-e* (Faria, 2003b, p. 226). O segundo elemento do presente NP ocorre igualmente em EDER-ETTA (*CIL* II 2976), que, na esteira de F. Beltrán (1993, p. 855 e n. 80), segmentamos em EDER-ETTA (*contra*, Albertos, 1966, p. 264, e Gorrochategui, 1993, p. 634, que privilegiam EDE-RETA (*sic*) e ED-ERE-TTA, respectivamente). Não pode, contudo, ser liminarmente afastada a eventualidade, até agora não contemplada, de EDERETTA conformar a latinização de **edereton*. Além de **ederindu** (F.11.10) (Beltrán Lloris, 1993, p. 855, n. 80), podemos aduzir como paralelo para **eder̄** o NP **sof̄seider̄** (C.1.8), a segmentar em **sofs-eder̄** (Faria, 1993, p. 156, 1994a, p. 68, 1995b, p. 327).

Σεδεγων. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Não podemos admitir que Javier Velaza (2003 [2004], p. 180, n. 11) seja considerado o autor da comparação/identificação do primeiro componente do NP Σεδεγων com a base do NE **sedeis-cen** = SEDETANI (Faria, 1994a, p. 70, 1998b, p. 236, 2000a, p. 131, 2001a, p. 103). Também os paralelos “muy satisfactorios” para -γων já tinham sido assinalados por nós (Faria, 1994a, p. 70, 1998b, p. 236, 2000a, p. 131, 2001a, p. 103).

segeida/segeidacom. Moedas. *Segeda* (Poyo de Mara/Durón de Belmonte de Gracián, Saragoça). *CNH* 231:1-45.

A recente abordagem historiográfica, empreendida por Francisco Burillo (2003, p. 198-200), às diversas transliterações da legenda monetária identificadora da ceca de *Segeda* apresenta algumas lacunas. Assim, além da omissão de dois estudos da autoria de Jesús Rodríguez Ramos (1997, p. 194, 2002c [2003c], p. 248, n. 13) — mais surpreendente a do primeiro do que a do segundo —, notámos a ausência de um artigo nosso (Faria, 2003b, p. 218-219). Este — parece-nos importante reconhecê-lo — foi publicado largos meses antes da saída do último volume da revista *Kalathos*, que inclui o texto de Jesús Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003]) citado por Burillo.

Naquele nosso trabalho, ficou por referir que já são dois, e não apenas um, os chumbos monetiformes que se conhecem com a legenda SEGEIDA (Sáez Bolaño e Blanco Villero, 2001, p. 188 e n. 503). Não será totalmente de afastar a hipótese de que tal legenda, conquanto em caracteres latinos, reproduza o NL em celtibérico.

García Alonso (2003, p. 361 e nn. 82-83), que perfilha a transliteração tradicional, faz corresponder **sekaisa** a *Segisa* (*sic*). Aliás, a *Segisa* de Ptolemeu (2.6.60) poderá não passar de um erro de transmissão textual, devendo estar por *Segida*, assim como *Thimisa* (Ptol. 4.3.9) estará por *Thimida*, já que, como acertadamente assinala Jehan Desanges (1999, p. 220), “la confusion était facile entre delta et sigma”. A existência do NL *Segisa* não é minimamente questionada nem por Untermann (2001, p. 203) nem por Ballester (2002, p. 467); todavia, enquanto Untermann não hesita em atribuir o dito NL à onomástica ibérica, Xaverio Ballester acha que o mesmo deve ou pode conter a raiz céltica *seg-*. Como é evidente, não iremos eludir o facto de, ainda há pouco tempo (Faria, 2003b, p. 226), termos secundado acriticamente o parecer de Jürgen Untermann.

SETTAL. Moedas. *Ilici* (Alcudia de Elche, Alicante). *RPC* I 196-197.

M(*arcus*) IVL(*ius*) SETTAL é o nome completo de um duúnviro, gravado numa emissão de asses e semisses de *Ilici* cunhados durante o reinado de Tibério, provavelmente em 22-23 (Llorens, 1987, p. 85-86) ou em 29 (Alföldy, 2003, p. 41). Sem que aduzisse qualquer argumentação pertinente, Albertos (1966, p. 206) atribuiu ao *cognomen* daquele magistrado uma origem celta. Desta opinião deu recentemente conta Géza Alföldy (2003, p. 50, n. 101), que, sem se demarcar da mesma, preferiu usar de maior prudência, qualificando *Settal* como NP indígena (Alföldy, 2003, p. 50). Do nosso ponto de vista, porém, o *cognomen* em causa deverá ser ibérico, atendendo ao paralelo que, para o mesmo, deverá constituir **setaliCe** (F.17.2) (Faria, 1994a, p. 68, 1994b, p. 46, n.º 204, 2002b, p. 130), presumível NP bimembre, que admite igualmente uma interpretação como nome simples – **setal** – seguido do bastante documentado sufixo **-iCe** (*MLH* III 1, p. 165, 168-169). Além do mais, a provável origem ilicitana de *M. Iulius Settal* reforça de algum modo o nosso parecer.

sigara. Moeda. **sigara**/*Sigarra* (Els Prats de Rei, Anoia, Barcelona). *CNH* 513:31A.

Diversamente do que postula Pérez Almoguera (2001-2002 [2004], p. 251), quando, em 1997, e não em 2000, nos decidimos por transliterar a legenda em questão como **sigara** em detrimento de **sikarbi**, já Almagro-Gorbea (1995, p. 255) havia tomado a mesma opção, preferindo **sikara**. Leandre Villaronga (*CNH*, p. 513), por seu lado, admitiu a pertinência de qualquer das duas transliterações. Antes de 1997, considerámos que **sikarbi** constituía a transliteração correcta de um suposto NP cuja segmentação seria **sic(e)-arbi** (Faria, 1994b, p. 53, n.º 346, 1995a, p. 85, 1996a, p. 172). O facto de termos alterado a nossa perspectiva sobre a leitura e a interpretação da legenda em apreço não confere a Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 254, 267) nenhuma legitimidade para ser considerado o autor da identificação do pretense NP **sikarbi** e da sua segmentação em **sic(e)-arbi**.

No texto acima citado, Pérez Almoguera (2001-2002 [2004], p. 251) esqueceu-se de referir quem defendeu pela primeira vez a correspondência entre a legenda monetária ibérica de que nos vimos ocupando e o NL *Sigarra*, atestado em Ptolemeu (2.6.63) e em duas inscrições latinas (Faria, 1997, p. 110). Estas, tal como a moeda aqui trazida à colação, não chegaram ao conhecimento de García Alonso (2003, p. 378), havendo, além de **sigara**, outras legendas monetárias correspondentes a NNL mencionados na Geografia de Ptolemeu que não foram recolhidas por este investigador. Encontram-se nestas circunstâncias *Arsa* (*CNH* 121:1), *Balsa* (*CNH* 408:1-3, 518:1A), **biscargi** (*CNH* 41:31: **[bis]cargi**; Faria, 1996b, p. 177, 1999, p. 153, 2000a, p. 126), **ocanaca** (Faria, 1996b, p. 229, 1999, p. 156, 2003a, p. 325, 2003b, p. 224; *DCPH* II, p. 297) e *Vgia* (*CNH* 426:1). Em contrapartida, teria sido desejável que García Alonso tivesse excluído as moedas com a suposta legenda *Cilpe* (*recte*: *Cilpes*) (v. agora Faria, 2003a, p. 326, com bibliografia anterior), as quais, segundo o supramencionado autor (García Alonso, 2003, p. 56), foram cunhadas pela cidade de *Lacilbula*.

Ybaradin]. Recipiente cerâmico. Ensérune (Nissan-les-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.283. Jürgen Untermann, já em 1980 (*MLH* II, p. 246), entrevia a possibilidade de o sexto signo de **Ybaradin** corresponder a **n**: “**n** nicht auszuschließen”. Dez anos depois, o mesmo investigador foi um pouco mais longe, ao admitir que “ein iber. PN. **Umaradin* ist aber ebenso gut möglich” (*MLH* III 1, p. 137, n. 26). Estas considerações devem ter escapado à atenção de José Antonio Correa (1993, p. 113), quando se pronunciou sobre a mesma inscrição: “dado que el último signo está fragmentado y puede ser asimismo **n**, me inclino a ver un NP ibérico formado por dos elementos antroponímicos muy conocidos, **mbar-adin**”. A frase que transcrevemos a seguir é de tal modo semelhante à anterior, que parece ser também da autoria de Correa; trata-se, no entanto, de uma afirmação subscrita por Jesús Rodríguez Ramos (2002-2003 [2004], p. 367), que, tal como M.^a Isabel Panosa (2002, p. 343), omite todos os textos acima mencionados: “[p]robablemente **mbaratin** sea preferible a **mbaratil** puesto que la fractura del último signo permite plantear que se trate de **n** y ésta lectura permite reconstruir un onomástico regular **mbar-atin**”. Tão-pouco Comas, Padrós e Velaza (2001, p. 295, n. 6) aduzem qualquer dos títulos precedentes.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALBERTOS, M.^a de L. (1964) - Nuevos antroponimos hispánicos. *Emerita*. Madrid. 32, p. 209-252.
- ALBERTOS, M.^a de L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALBERTOS, M.^a de L. (1983) - Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*. II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 853-889.
- ALFÖLDY, G. (2003) - Administración, urbanización, instituciones, vida pública y orden social. *Canelobre*. Alicante. 48, p. 35-57.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1995) - La moneda hispánica con jinete y cabeza varonil: ¿tradición indígena o creación romana?. *Zephyrus*. Salamanca. 48, p. 235-266.
- ALMEIDA, F. de (1956) - *Egítania: história e arqueologia*. Lisboa: Universidade.
- ANGOT, P. (1989) - Pour une lecture affinée de l'alphabet ibère. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 19, p. 117-129.
- AQUILUÉ, X.; VELAZA, J. (2001) - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaehispanica*. Zaragoza. 1, p. 277-289.
- AZCARATE, A.; GARCÍA CAMINO, I. (1996) - *Estelas e inscripciones medievales del País vasco (siglos VI-XI)*. I. País Vasco occidental. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- BALLESTER, X. (2002) - El substrato de la lengua ibérica en la Península Ibérica. In *Congrés Internacional de Toponímia i Onomàstica Catalanes (València, 18-21 d'abril de 2001)*. Paiporta, València: Denes Editorial, p. 459-488.
- BALLESTER, X. (2003) [2004] - El acento en la reconstrucción lingüística. El caso ibérico. *Palaehispanica*. Zaragoza. 3, p. 43-57.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1986) - Epigrafía y onomástica de las Cinco Villas. In *Actas de las I Jornadas de Estudio sobre las Cinco Villas (Ejea, diciembre 1985)*. Zaragoza: Centro de Estudios de las Cinco Villas, p. 53-93.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1993a) - Un nuevo antroponimo vasconico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, p. 843-858.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1993b) - La epigrafía como índice de aculturación en el valle medio del Ebro (s. II a.e. - III d.e.). In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 235-272.
- BURILLO, F. (2002) - *Oppida*, ciudades estado y *populi* en la transición del Ibérico Pleno al Tardío en el nordeste de la Península Ibérica. In *I Jornadas d'Arqueologia Ibers a l'Ebre. Recerca i interpretació. Tivissa, 23 i 24 de novembre de 2001*. Ribera del Ebre: Centre d'Estudis de la Ribera d'Ebre (Ilercavònia; 3), p. 205-220.
- BURILLO, F. (2003) - Segeda, arqueología y sinecismo. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 76, p. 193-215.

- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne Catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CARO BAROJA, J. (1947) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26:121, p. 197-243.
- CARO BAROJA, J. (1954) - La escritura en la España prerromana (epigrafía y numismática). In MENÉNDEZ PIDAL, R., ed. - *Historia de España, I: España prerromana, II: Etnología de los pueblos de Hispania*, Madrid: Espasa-Calpe, p. 678-812.
- CARO BAROJA, J. (1985) - *Los Vascones y sus vecinos*. San Sebastián: Editorial Txertoa.
- CIL I² = LOMMATZSCH, E., ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II Suppl. = HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/14 (1) = ALFÖLDY, G. [et al.] (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conuentus Tarraconensis. Fasc. I: Pars meridionalis conuentus Tarraconensis*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CIL II²/5 = STYLOW, A. U. et al. (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conuentus Astigitanus (CIL II²/5)*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS, M.; PADRÓS, P.; VELAZA, J. (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AION*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO, I.-J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, p. 101-116.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CORREA, J. A. (2002) - [Recensão de] F. VILLAR, F., *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana. Las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*, Salamanca, Publicaciones de la Universidad de Salamanca, 2000, 487 pp. *Habis*. Sevilla. 33, p. 702-706.
- CURA, M. (1986) - Els grafits ibèrics d'Illiberis (Elna, Rosselló). In *Protohistoria catalana: 6è Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, 7-9 de desembre de 1984*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, p. 203-209.
- DCPH I = GARCÍA-BELLIDO, M.^a P.; BLÁZQUEZ, C. (2001a) [2002a] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen I: introducción*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Colección Textos Universitarios; 35).
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO, M.^a P.; BLÁZQUEZ, C. (2001) [2002] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Colección Textos Universitarios; 36).
- DELAMARRE, X. (2003²) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée*. Paris: Errance.
- DESANGES, J. (1999) - [Comentário a] LEPELLEY, C. - L'apport d'actes des martyrs nouvellement découverts à la connaissance de la géographie historique de l'Afrique proconsulaire. *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France 1999*. Paris. p. 205-219, p. 220.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafía monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão de] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1993) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas. *Portugalia*. Porto. Nova Série, 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão de] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, 1994, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.

- FARIA, A. M. de (1996a) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1996b) - [Recensão de] TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995, 220 pp + mapa. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 227-234.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispánica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994, 271 p. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, p. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2001b) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. 362 p. LX Estampas. ISBN 84-86711-08-8. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 206-212.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 313-334.
- FARIA, A. M. de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2004) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 273-315.
- FERREIRA, A. P. R. (2004) - *Epigrafía funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade?* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 34).
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2003) - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA GARRIDO, M.; LALANA, L. (1991-1993) - Algunos glandes de plomo con inscripciones latinas y púnicas hallados en Hispania. *Acta Numismática*. Barcelona. 21-23 (*Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*), p. 101-107.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORGUES, A.; MORET, P.; RUIZ-DARASSE, C. (2003 [2004]) - Cinq nouvelles inscriptions sur céramique du Bas Aragon et de la Terra Alta. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 245-250
- GORROCHATEGUI, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI, J. (1993) - La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 609-634.
- GORROCHATEGUI, J. (1994) - La aportación de la lingüística a la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco. In *Illunzar 94. Problemática de la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco: un enfoque preliminar (Museo Euskal Herria de Gernika, 1993)*. Gernika: Asociación Cultural de Arqueología AGIRI, p. 113-125.
- GORROCHATEGUI, J.; LAKARRA, J. A. (2001) - Comparación lingüística, filología y reconstrucción del Protovasco. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 407-438.
- GUTIÉRREZ SOLER, L. M. (2002) - *El "Oppidum" de Giribaile*. Jaén: Universidad.
- DE HOZ, J. (1983) - Origine ed evoluzione delle scritture ispaniche. *AIQN*. Napoli. 5, p. 27-61.
- DE HOZ, J. (1995a) - Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 317-324.
- DE HOZ, J. (1995b) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: El passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pireniques, p. 271-297.

- DE HOZ, J. (2001a) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 335-362.
- DE HOZ, J. (2001b) - Sobre algunos problemas del estudio de las lenguas paleohispánicas. *Paleohispanica*. Zaragoza. 1, p. 113-149.
- DE HOZ, J. (2002) - El complejo sufijal -*(e)sken* de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 159-168.
- DE HOZ, J. (2003a) - Recent advances in Paleo-Hispanic scholarship. In GORROCHATÉGUI, J., ed. - *Basque and (Paleo)Hispanic studies in the wake of Michelena's work. Proceedings of the First Conference of the Koldo Mitxelena Chair*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 33-62.
- DE HOZ, J. (2003b) - Las sibilantes ibéricas. In MARCHESINI, S.; POCSETTI, P., eds. - *Linguistica è storia. Sprachwissenschaft ist Geschichte. Scritti in onore di Carlo De Simone. Festschrift für Carlo De Simone*. Pisa: Giardini, p. 85-97.
- IRC III = FABRE, G.; MAYER, M.; RODÀ, I. (1991) - *Inscriptions romaines de Catalogne III. Gérone*. Paris: De Boccard.
- IRSAT = CORELL VICENT, J.; GÓMEZ FONT, X. (2002) - *Inscripcions romanes del País Valencià. I. Saguntum i el seu territori*. Valencia: Publicacions de la Universitat de Valencia, 2002.
- KNÖRR, H. (1999) - Nombres de persona en el País Vasco: cuestiones históricas y de normalización. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 80, p. 135-154.
- KONRAD, C. F. (1994) - *Plutarch's Sertorius: a historical commentary*. Chapel Hill-London: The University of North Carolina Press.
- LAMBRINO, S. (1956) - Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série. 3, p. 5-73.
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- LLORENS, M.^a del M. (1987) - *La ceca de Ilici*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència (Estudis Numismàtics; 1).
- LUJÁN MARTÍNEZ, E. R. (2003) - Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. Paris. 35, p. 181-247.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- PANOSA, M.^a I. (2002) - Inscripción ibérica procedente de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 333-353.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2001-2002 [2004] - De nuevo sobre la ubicación de la ceca de Iltirke y el tritertartemorian de *Sikarbi/Sikarā*. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 17-18, p. 247-252.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- PÉREZ ROJAS, M. (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la "celtización" del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, A.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R.; AMANTE, M., eds. - *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellin-Albacete)*. Murcia: Universidad (Antigüedad y Cristianismo; 10), p. 139-266.
- PINA POLO, F. (2003 [2004]) - ¿Por qué fue reclutada la turma Salluitana en Salduie?. *Gerión*. Madrid. 21:1, p. 197-204.
- QUINTANILLA, A. (1993) - Sobre el vocalismo de la lengua ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 727-737.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11).
- RODRÍGUEZ NEILA, J. F.; MELCHOR GIL, E. (2001) - Evergetismo y cursus honorum de los magistrados municipales en las provincias de Bética y Lusitania. In CASTILLO, C.; NAVARRO, F. J.; MARTÍNEZ, R., eds. - *De Augusto a Trajano: un siglo en la historia de Hispania*. Pamplona: EUNSA, p. 139-238.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1995) - *Breve manual de epigrafía ibérica*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997) - Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. Teruel. 16, p. 189-197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1999) - Introducción a la escritura ibérica: variante levantina. *Revista de Arqueología*. Madrid. 218, p. 6-13.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000a) - Vocales y consonantes nasales en la lengua ibérica. *Faventia*. Barcelona. 22:2, p. 25-37.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000b) - Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, p. 43-57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) [2001] - Aproximación fonético-estadística a los compuestos nominales de la lengua ibérica. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 21, p. 259-270.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001a) - Sobre los signos de lectura problemática en la escritura ibérica levantina y una inscripción revisada. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 74, p. 281-290.

- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001b) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua ibera. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002) - Acerca de los afijos adnominales de la lengua ibera. *Faventia*. Barcelona. 24:1, p. 115-134.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001-2002) [2003] - Okelakom, Sekeida, Bolsken. *Kalathos*. Teruel. 20-21, p. 429-434.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) [2003a] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibera. *Cypsela*. Girona. 14, p. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) [2003b] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua ibera. *Arse*. Sagunto. 36, p. 15-50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002c) [2003c] - The lexeme *arś* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. 37:3, p. 245-277.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002-2003) [2004] - Revisión de algunas lecturas de las inscripciones iberas levantinas no monetales publicadas en los *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Pyrenae*. Barcelona. 33-34, p. 365-373.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2003) [2004] - Sobre los fonemas vibrantes y afines de la lengua ibera. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 35, p. 341-349.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2004) - Sobre los fonemas sibilantes de la lengua ibera. *Habis*. Sevilla. 35, p. 135-150.
- RPCI = BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- SÁEZ BOLAÑO, J. A.; BLANCO VILLERO, J. M. (2001) - *Las monedas de la Bética romana, II: Conventus Hispalensis*. San Fernando (Cádiz): Numismática Ávila.
- SANMARTÍ-GREGO, E. (1988) - Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 95-113.
- SANTIAGO, R. A. (1989) [1990] - En torno al plomo de Pech Maho. *Faventia*. Barcelona. 11:2, p. 163-179.
- SANTIAGO, R. A. (1994) - Presencia ibérica en las inscripciones griegas recientemente recuperadas en Ampurias y en Pech Mahó. In *Iberos y Griegos: lecturas desde la diversidad. Simposio internacional celebrado en Ampurias, 3 al 5 de abril de 1991 (Huelva Arqueológica*. Huelva. 13:2), p. 217-230.
- SILES, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILES, J. (1986) - Sobre la epigrafía ibérica. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico", p. 17-42.
- SILGO, L. (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, p. 67-77.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO, L. (1996) - Avance a un estudio de las formas flexivas en ibérico. In VILLAR, F.; ENCARNAÇÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 301-310.
- SILGO, L. (2000a) - De nuevo sobre el "genitivo" ibérico en *-en*. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 99-118.
- SILGO, L. (2000b) - El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. Sevilla. 31, p. 503-521.
- SILGO, L. (2000c) - La procedencia de la lápida ibérica supuesta de Liria (F.13.1). In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 181-186.
- SILGO, L. (2000d) - [Recensão a] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 279-293.
- SILGO, L. (2001) - Grafitos ibéricos de El Palomar (Oliete, Teruel). *Palaohispanica*. Zaragoza. 1, p. 347-352.
- SILGO, L. (2003) [2004] - Comentarios sobre cinco topónimos ibéricos. *Arse*. Sagunto. 37, p. 15-19.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- SOLIER, Y.; BARBOUTEAU, H. (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 61-94.
- UNTERMANN, J. (1962) - Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72, p. 5-61.
- UNTERMANN, J. (1986) - [Recensão de] Joaquin [sic] Gorrochategui Churruga. Onomástica Indígena [sic] de Aquitania. Servicio Editorial Universidad del País [sic] Vasco. Universidad de Salamanca. Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico [sic]. [Bilbao 1984] 384 S., 3 Faltkarten. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 21:2, p. 215-217.
- UNTERMANN, J. (1996) - Los plomos ibéricos: Estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (curso de la U.I.M.P. - Valencia 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 75-108.

- UNTERMANN, J. (2001) - La toponimia antigua como fuente de las lenguas hispano-celtas. *Paleohispanica*. Zaragoza. 1, p. 187-218.
- VALLADOLID, J. (1998) - La estela inscrita ibérica conocida como "lápida de Liria": una nueva lectura. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 15, p. 241-256.
- VELAZA, J. (2002a) - Las inscripciones monetales. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.^a del M. - *Arsè-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, p. 123-148.
- VELAZA, J. (2002b) - Ibérico -te. *Paleohispanica*. Zaragoza. 2, p. 271-275.
- VELAZA, J. (2003) [2004] - La epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración. *Paleohispanica*. Zaragoza. 3, p. 179-192.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania Prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLARONGA, L. (1998) - Les dracmes ibèriques i llurs divisors. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics (Complements d'Acta Numismàtica; 3).